

REESTRUTURAÇÃO URBANA, CENTRO E CENTRALIDADE EM ITU – SP

Andréia de Cássia da Silva Ajonas, FCT/Unesp

1. INTRODUÇÃO

O conjunto das formas presentes na cidade e suas interações compõem a estrutura urbana. Essa estrutura é gerada por processos – impulsionados por atores sociais - e por isso está em constante transformação.

Consideramos que a origem dos processos que geram mudanças estruturais na cidade está além de seus limites e tem sua raiz no modelo econômico dominante. Mesmo que também englobe as esferas socioespaciais política, social e ideológica, a reestruturação urbana deve ser compreendida como um fenômeno predominantemente vinculado à esfera econômica. Daí o maior enfoque que lhe será destinado neste trabalho.

O novo período de reestruturação espacial que se inicia no final do último século representa uma mudança nos padrões locais definidos pelo capitalismo após a Segunda Guerra Mundial¹. A Terceira Revolução Industrial e a difusão de novas tecnologias da informação surgem gerando possibilidades para alavancar novamente o sistema em crise, por meio do aumento da mobilidade territorial na busca por lucratividade.

Por isso, há uma crescente importância do desenvolvimento tecnológico e de transportes. Para as grandes empresas, ele permite não só dispensar mão-de-obra de baixa qualificação sem comprometer os níveis de produção, mas também a desintegração da produção em diversas unidades responsáveis por etapas do processo – o que vem aumentando consideravelmente o setor terciário -, bem como a separação das atividades de gestão das de produção em unidades distintas.

Assim, o que se verifica é o crescimento econômico concentrado em determinadas regiões, visto que as grandes empresas buscam instalar-se em pontos estratégicos do espaço que lhes ofereçam perspectivas de maiores lucros, as quais estão diretamente relacionadas com a infra-estrutura existente.

No Brasil, a região próxima à cidade de São Paulo constitui-se em uma área de grande dinamismo econômico, na qual as atividades industriais desempenham papel importante. Itu, aí localizada, se beneficia com as redes de transporte e de informação dessa porção do território nacional - ver **Figura 1**.

Esse incremento técnico ao território vem permitindo às indústrias se retirarem da capital paulista e da própria região metropolitana, em benefício, principalmente, das cidades médias. O que propulsiona esse deslocamento são as chamadas “deseconomias de aglomeração”, perdas de vantagens comparativas em função dos altos custos resultantes da localização. Tal processo, iniciado na década de 1970, ainda está em andamento, porém não retira o papel central desempenhado pela cidade de São Paulo, a qual ainda mantém o seu papel de gestão sobre o território nacional.

O nosso interesse por essa discussão é compreender como o processo de desconcentração industrial afeta a realidade urbana de Itu, alterando a configuração de seu espaço interno e redefinindo sua estrutura.

No espaço intra-urbano a implantação dessas novas técnicas ao território é um dos fatores que possibilita uma reorganização do espaço através do espraiamento da cidade. A morfologia da cidade se redefine, já que ela expressa (e condiciona) as novas lógicas de localização.

¹ Cf. SOJA, E. W. Geografias pós-modernas: a redefinição do espaço na teoria social crítica, p.194.



Figura 1: Localização do município de Itu e principais eixos rodoviários (São Paulo/Brasil).
Fonte: Revista Itu: dinamismo e infra-estrutura , n°01, p.08.

Nesse contexto cabe uma reflexão sobre o papel da centralidade. Na fase mais recente de evolução do meio geográfico – *meio técnico-científico-informacional*² – as atividades econômicas tendem a ser organizadas por forças centrífugas, as quais parecem negar a centralidade e, com isso, a própria cidade. A centralidade que se impõe é constituída por novos conteúdos, nos quais o aspecto quantitativo (número de empresas) não mais aparece como fator principal. Nela, o aparato técnico e tecnológico, a utilização de redes materiais e imateriais é que se destacam como elementos primordiais para a definição dos centros.

Há uma relação de complementaridade entre desconcentração e reconcentração. Dois elementos de um mesmo processo de reestruturação do espaço urbano. O conteúdo desse processo se expressa por meio de uma morfologia urbana dispersa e da intensidade dos fluxos, a qual revela o conteúdo informacional do território.

Propomo-nos neste trabalho a pensar a questão dos fluxos como elemento essencial para compreender os novos padrões de centralidade que se impõem. Para essa análise serão abordados aspectos referentes ao nível tecnológico das empresas.

A morfologia urbana, expressa por meio do levantamento e observação da localização das atividades econômicas, servirá como ponto de partida para a compreensão do processo de reestruturação, incluindo-se aí todo o dinamismo que lhe é próprio e que atua articulando diversos níveis escalares.

Na realização desta pesquisa fizemos, inicialmente, o levantamento cartográfico, documental e de dados. Como elementos essenciais, adquirimos na Secretaria de Rendas da Prefeitura as listagens das atividades econômicas de Itu. Atréadas às informações obtidas no Cadastro Municipal, sobre a localização dos eixos comerciais e industriais da cidade, pudemos delimitar nossa área de estudo e definir as atividades econômicas por ela incorporadas. Desse modo, obtivemos 10 eixos, que foram classificados de A a J, além de 3 Rodovias. A Rodovia Marechal Rondon, que corta a cidade em sentido leste-oeste, passou a fazer parte do Eixo A, em sua porção leste, e do Eixo C, em sua parte oeste (ver **Figuras 2 e 3**, a seguir).

² SANTOS, M. A natureza do espaço, p.34.

Na listagem geral das atividades econômicas abrangidas por esse recorte constou 2.291³ empresas, sendo 2.138 comércios e 153 indústrias, conforme classificação realizada pela Secretaria de Rendas da Prefeitura. Seus registros foram transpostos para a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE)⁴, por meio da qual realizamos a contagem e tabulação dos dados. Através dessa padronização torna-se possível o intercâmbio e comparação de informações entre pesquisadores que se preocupam com as dinâmicas que implicam na estruturação e reestruturação urbanas, competência cada vez mais necessária ante as transformações que ocorrem em escalas mais amplas. Eleva-se, com isso, a possibilidade de se verificar como determinações globais atingem diferentemente espaços locais, evidenciando as especificidades dos mesmos.

Já o nível tecnológico das empresas e sua inserção em redes puderam ser apreendidos por meio da aplicação de questionários. Definimos que uma amostragem confiável deveria abranger o mínimo de 30% das empresas compreendidas em nossa área de estudo, num total de, pelo menos, 687 empresas.

2. CONTEXTUALIZANDO A DISCUSSÃO: história e transformações de Itu.

A reestruturação não pode ser apreendida em si mesma, pois é produto da história e contém elementos que só podem ser alcançados por meio de uma análise que considere a importância do passado na compreensão do presente. Desse modo, é fundamental considerarmos a lógica histórica existente nas mudanças atuais, a fim de entendermos o processo. Com esse intuito, procuraremos apresentá-la articulando informações acerca de seu desenvolvimento econômico, com outras referentes ao seu crescimento territorial e populacional.

As transformações geradas na estrutura urbana resultam de uma intrincada relação entre processos macroescalares e a história local, configurando em um modelo espacial bastante singular. Isso porque os processos socioeconômicos atuais se dão sobre espaços já construídos, nos quais os tempos históricos se acumulam, influenciando mais ou menos significativamente as novas lógicas que se implantam.

Nesse processo, mudanças na estrutura econômica mundial implicam também em uma reestruturação dos espaços, na qual a forma urbana se metamorfoseia, associada às mudanças funcionais das cidades.

Abordando especificamente o recorte territorial dessa pesquisa, é necessário enfocar alguns aspectos de suas transformações, a fim de darmos maior concretude à discussão aqui iniciada. Estes, serão apresentados de forma sintética e generalizante, mas preparará o leitor para uma compreensão mais apurada das recentes mudanças que ocorrem em tal espaço.

A formação do povoado que deu origem ao núcleo urbano de Itu remonta de 1610, ano de sua fundação. Insere-se, portanto, no contexto do Brasil colonial.

Nessa fase de desenvolvimento do modo de produção capitalista, a economia nacional girava em torno dos interesses da metrópole, por meio do estabelecimento de relações comerciais desvantajosas, baseadas na exportação de produtos primários e na importação de produtos manufaturados.

³ Três delas, porém, não foram incluídas na contagem, pois, mesmo pertencendo a um logradouro do Centro, estavam registradas com outro bairro na listagem fornecida pela Prefeitura. Preferimos não criar um novo eixo englobando apenas essas empresas.

⁴ www.ibge.gov.br/concla

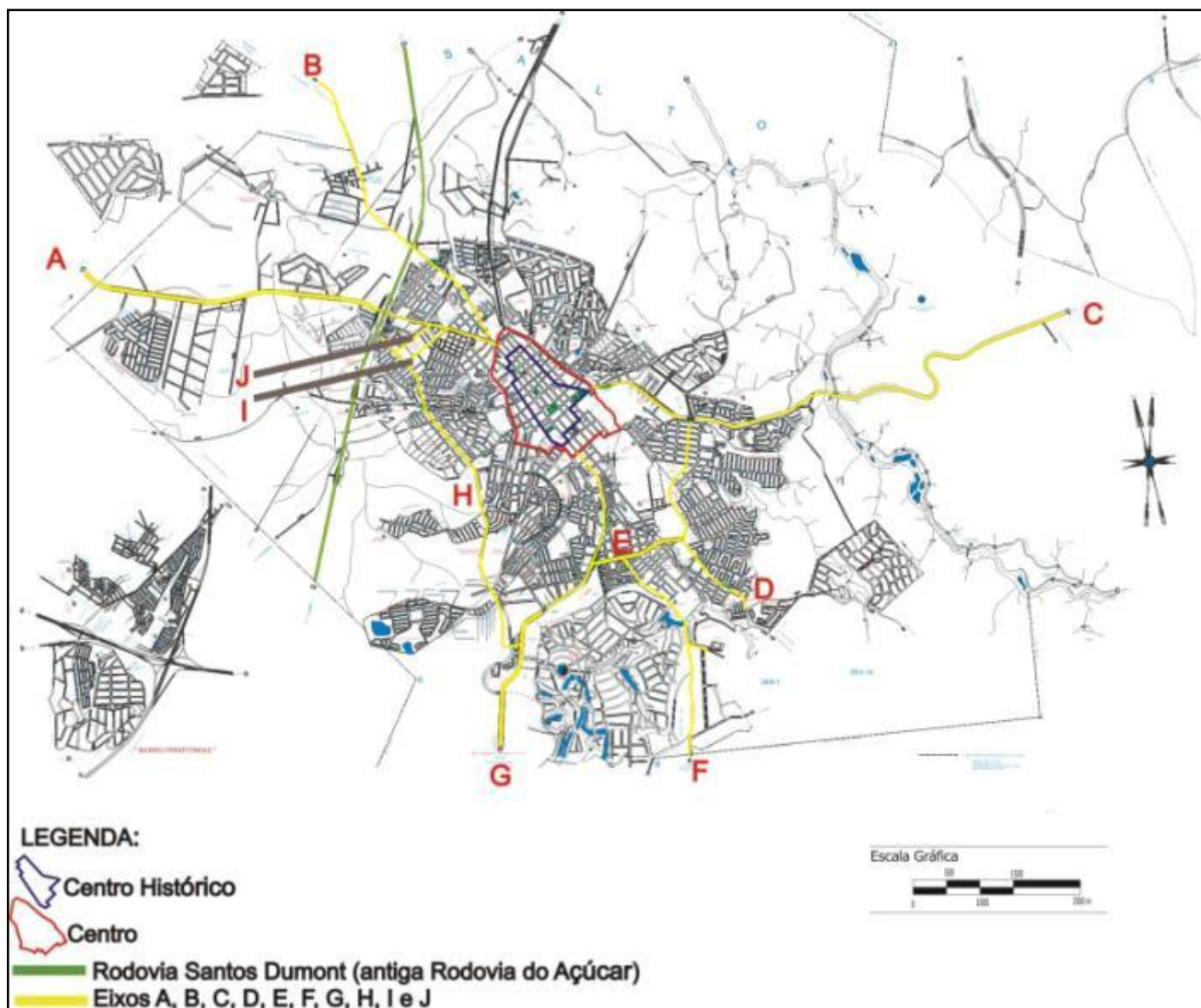


Figura 2: Itu: Área de estudo da pesquisa – Centro e Eixos.

Fonte: Cadastro Municipal e pesquisa de campo, 2007.

Org.: Andréia de Cássia da Silva Ajonas, 2008.

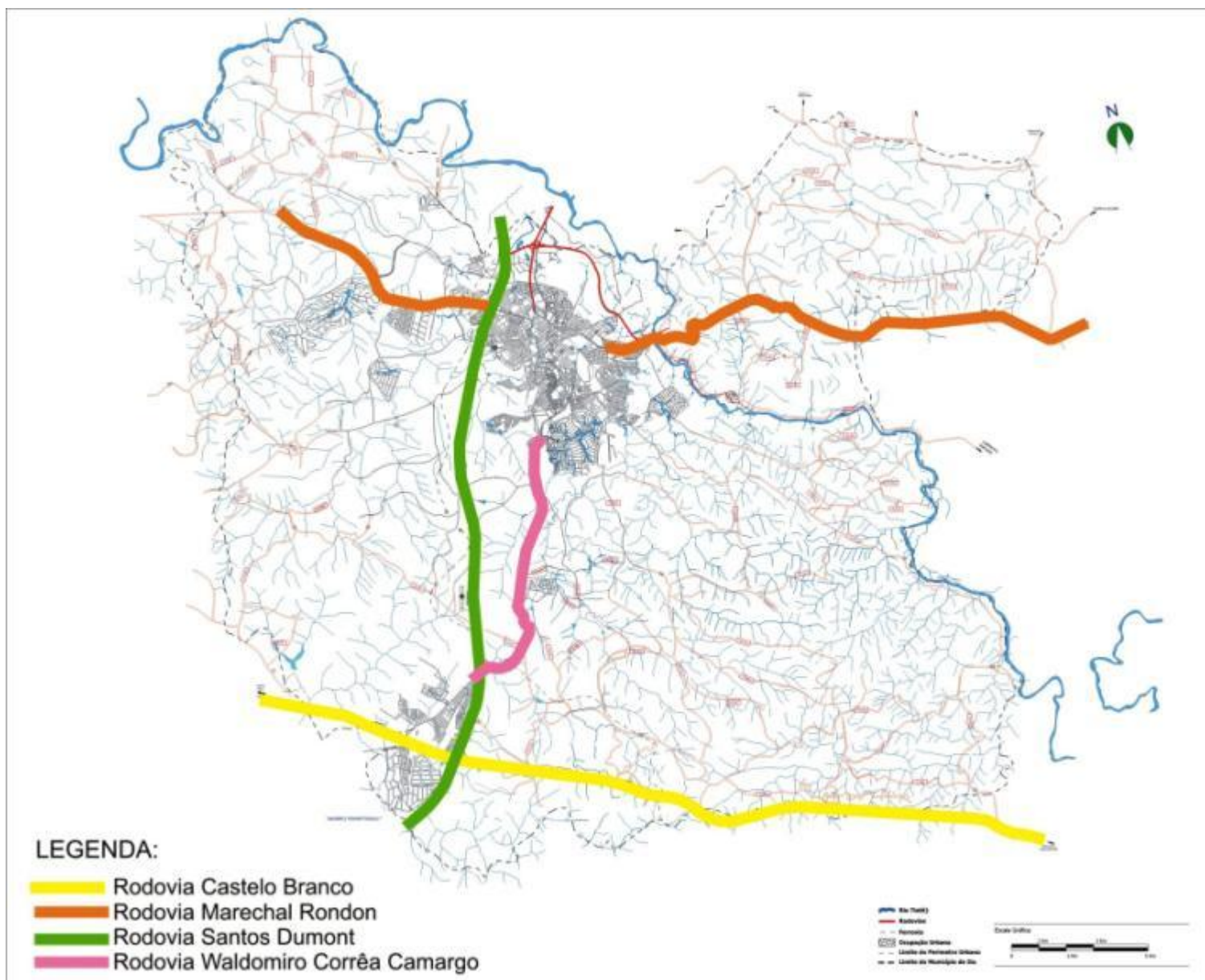


Figura 3: Itu: área de estudo da pesquisa – Rodovias.

Fonte: Cadastro Municipal, 2007.

Org.: Andréia de Cássia da Silva Ajonas.

Nesse contexto, ultrapassando a zona serrana do Planalto Atlântico, o povoado surgiu como ponto de apoio às expedições que adentravam o território em busca de ouro, diamantes e indígenas.

O crescimento populacional foi favorecido pela presença da Bacia Hidrográfica do Tietê, da qual faz parte o afluente Guarau e os subafluentes Taboão e Brochado, que circundam a colina onde se assentou o núcleo inicial de povoamento.

A base econômica do vilarejo foi a produção canavieira, que se fortaleceu com a diminuição da importância econômica da região Nordeste e com o declínio da extração aurífera, no final do século XVIII, o que impulsionou a instalação de engenhos de açúcar e a vinda de africanos para o trabalho nas fazendas.

No final do século XIX, a queda no preço internacional do açúcar causava o descontentamento dos fazendeiros. A produção cafeeira já suplantava a canavieira como base econômica do município. Paralelamente, ao lado de uma produção artesanal, começavam a surgir as primeiras indústrias na cidade.

Acompanhando uma tendência geral, a passagem do século XIX para o século XX representa um período de intensas modificações no município, expressas pela expansão das lavouras de café, substituição da mão-de-obra escrava pelo trabalhador assalariado, insipiente industrialização e ideais republicanos. Tais acontecimentos refletiram-se em alterações na própria morfologia urbana. As ruas passavam a se estender longitudinalmente por todo o espigão da colina onde se deu a ocupação inicial e as formas da paisagem eram profundamente alteradas.

Para esse processo foi de grande importância a implantação do ramal ferroviário, inaugurado em 1873. Desse modo, um ano antes, a rua do Comércio (atual Floriano Peixoto) já era prolongada até o largo da Estação (atual Praça Gaspar Ricardo).

Assim, a tríade café, ferrovia e indústria foram os principais elementos que influenciaram no remodelamento do espaço urbano neste período. Geraram maior crescimento econômico da cidade, que refletiu também em seu aumento populacional.

A ferrovia tornou mais eficaz o escoamento da produção agrícola, projetando a cidade no mercado internacional de café, ao passo que os rendimentos gerados na agricultura eram cada vez mais aplicados na cidade, expandindo a economia urbana. Por outro lado, a maior integração da cidade facilitou também o afluxo de imigrantes, que, juntamente com a população negra, iria expandir a malha urbana por meio de uma série de moradias precárias nos subúrbios, principalmente.

A presença dos imigrantes possibilitou o acesso a uma mão-de-obra adaptada ao trabalho industrial, bem como permitiu a formação de um mercado consumidor interno para seus produtos.

No plano político, outro elemento se somaria aos anteriores, gerando modificações nas mentalidades e no modelado da cidade. Influenciados pelos movimentos liberais que aconteceram na Europa e nos Estados Unidos durante o século XVIII, o movimento republicano no Brasil contou com forte participação da oligarquia cafeeira, que reivindicava no cenário político a mesma importância que assumia no cenário econômico do país. Desse modo, em 1873, representantes de 16 cidades paulistas se reuniram em Itu na conhecida “Convenção Republicana”, que culminou com a fundação do PRP (Partido Republicano Paulista). Dezesesseis anos depois a república era implantada no Brasil, tendo como primeiro presidente civil o ituano Prudente José Moraes de Barros, que governou o país de 1894 a 1896.

Tais acontecimentos vão incutir na cidade a imagem de “Berço da República”. Essa idéia, amplamente aceita e difundida pela classe dominante, parece ter motivado a constituição de novas mentalidades, que a associaram com o “moderno” e emergiram na tentativa de eliminar do espaço urbano qualquer imagem que recordasse o seu passado colonial. Os esforços de embelezamento da cidade durante a passagem do século XIX para o XX são elucidativos.

O processo de urbanização/industrialização, associado às mudanças políticas e culturais em curso, passavam a definir um espaço onde os valores de uso iam progressivamente sendo subordinados pelos valores de troca.

A nova lógica capitalista que acompanha o desenvolvimento industrial, comercial e financeiro da cidade faz emergir uma nova forma urbana no início do século XX. Trata-se da forma urbana derivada da racionalidade burguesa, que separa o trabalhador da cidade, por meio de sua fixação nas periferias descontínuas. A exemplo da vila operária da Cia de Fiação e Tecelagem São Pedro, formada entre os anos de 1923 e 1925 no local onde hoje localiza-se o Bairro Alto, “além” do ribeirão Brochado e da estrada de ferro, à oeste do centro.

A nova morfologia urbana passa a ser vetor da segregação social e as classes têm cada vez mais definidos seus lugares de habitat no interior da cidade⁵.

As indústrias, a princípio localizadas no centro urbano, tornam-se mais maleáveis no território e vão se transferindo para áreas periféricas, dadas as novas possibilidades técnicas existentes.

O próprio sistema capitalista firma-se, durante este período, sobre uma base industrial, com o advento do modelo fordista, calcado na produção em massa e na expansão horizontal dos mercados. Essa nova estratégia produtiva, atrelada à política intervencionista dos Estados nacionais, permite o crescimento do sistema econômico até o final do século, quando ele enfrenta um novo período de crise.

A implantação da rede urbana brasileira ocorre, durante o século XX, por meio da integração efetiva do país à lógica capitalista. Nesse processo algumas cidades têm suas funções ampliadas, o que acontece redefinindo a hierarquia entre elas por meio da formação de núcleos urbanos que passam a exercer papéis intermediários. Nesses núcleos e nas grandes cidades, o crescimento econômico foi acompanhado pelo crescimento populacional, em detrimento das áreas rurais.

Em 1940 a população urbana de Itu já ultrapassava a rural, a primeira apresentando um total de 13.729 habitantes, e a segunda 12.918. Desse ano até 1970 o percentual da população rural sobre a população total cai de 48,4 para 26,5, enquanto o da população urbana salta de 51,5 para 73,4. Em números absolutos, a diminuição da população rural ocorre entre os anos de 1950 e 1960, quando passa de 14.256 habitantes, para 13.728⁶.

A década de 1950 marca o início de um novo período de expansão da malha urbana. Há uma progressiva instalação de novas indústrias na cidade, que ocorre concomitantemente ao mencionado decréscimo populacional das áreas rurais. Esse movimento foi resultante também das profundas alterações sofridas na agricultura local, consequência de sua modernização e da substituição de cultivos tradicionais, como o café, o milho e o algodão, por outras atividades caracterizadas pela baixa utilização de mão-de-obra, como a pecuária e a hortifruticultura.

O crescimento da metrópole e da região na qual Itu está inserida contribuiu para a valorização de suas terras e para o aumento da especulação imobiliária, gerando mudanças na estrutura da cidade. Com esse processo, atrelado ao crescimento industrial da cidade, ao êxodo rural que o acompanha, ao aumento das atividades terciárias, bem como das facilidades de crédito e aumento do consumo, o centro populariza-se. As camadas mais ricas, antigas moradoras desse espaço, vão abandonando-o. Elas passam a adotar principalmente os condomínios fechados como forma de moradia, os quais se implantam ao redor da cidade a partir de meados da década de 1970⁷.

⁵ Cf. LEFÈBVRE, H. O direito à cidade, 1969.

⁶ Fonte: IBGE. In: IANNI, O. Diagnóstico geral da cidade de Itu para a implantação de um programa de ação cultural: a formação social e cultural de Itu, p.92.

⁷ Nesse aspecto Itu passa a ser referência nacional a partir de 1975, com a implantação do primeiro condomínio fechado do Brasil, denominado “Terras de São José”, difundindo assim um novo estilo de vida para a população de alto poder aquisitivo, inspirado no modelo estadunidense.

Os interesses pelo “moderno” vão promover a significativa descaracterização da área central no decorrer da segunda metade do século XX. Casarões antigos foram transformados, outros demolidos. Durante a década de 1960 difundiu-se a fama de Itu como “cidade dos exageros”, a qual foi apropriada pelo poder público e empresas privadas, inculcando novos elementos ao centro, os quais contrastam fortemente com seu aspecto histórico.

A esse período de intenso crescimento econômico seguiu-se o arrefecimento da economia nacional, marcante após 1974, com a crise do petróleo. O Brasil sofria os reflexos de uma nova crise no próprio sistema capitalista, que estimulou a busca de novas estratégias produtivas ante as dificuldades das empresas em manter altas as taxas de lucro. O velho modelo industrial do início do século XX, calcado na produção em massa, passa a ser substituído por outro, calcado em uma lógica financeira, com a produção sendo determinada pela demanda. Essa nova lógica passa a definir relações mais fluidas com o território.

Esse fator estimulou o constante desenvolvimento tecnológico, essencial para que se desencadeasse uma nova onda de reestruturação urbana, cujo processo encontra-se ainda em curso.

Neste contexto, Itu torna-se pólo de atração industrial a partir dos anos de 1970, quando se observa um processo de desconcentração industrial da Região Metropolitana de São Paulo, seguindo os principais eixos rodoviários. Beneficia-se, principalmente, com a construção das rodovias Castelo Branco e Santos Dumont (antiga Rodovia do Açúcar) durante esta década, que estimulam novas indústrias a se instalarem no município, beneficiadas também com a proximidade do aeroporto internacional de cargas Viracopos e do acesso rodoviário e ferroviário ao porto de Santos.

A ligação da cidade em escalas mais amplas, por meio das empresas que nela se instalam, promove alterações profundas em sua morfologia, que tendem a reforçar as dinâmicas que a geraram. Sua reestruturação e conseqüente redefinição das centralidades se deram sobre um espaço urbano com forte carga histórica. As novas dinâmicas contrastam com o aspecto secular da cidade, especialmente de seu Centro Histórico, tombado em 1992. A despeito de todos os esforços empregados para a modernização da paisagem, são visíveis, ainda hoje, traços de seu passado colonial. Tal característica exigiu certo grau de readequação desse espaço ante as novas lógicas que se implantam, o qual resulta do conflito entre o “novo” e o “herdado” que marca a paisagem de Itu.

Os novos centros ligam-se mais fortemente a uma lógica flexível. A percepção dessas áreas centrais, entretanto, não se apresenta tão óbvia no território, sendo necessário uma investigação cuidadosa, já que, diferentemente dos centros tradicionais, os novos centros não possuem como característica principal a concentração de empresas, mesmo que isso muitas vezes ocorra. Aspecto essencial na identificação das novas centralidades é o uso maciço de tecnologia de informação.

3. CENTRO OU CENTROS? A centralização e a centralidade urbanas em Itu.

A centralidade, como aspecto de um processo mais amplo, a própria estruturação e reestruturação urbanas, vem sofrendo profundas alterações na atualidade que se traduzem, dentre outros elementos, em um policentrismo e em um multicentrismo, como já apontara SPOSITO⁸. Ela corresponde ao próprio conteúdo característico das áreas centrais, que as distinguem das áreas não centrais. Esse conteúdo é expresso pelos fluxos que os constituem. Tais conteúdos, muito mais do que as formas, estão sendo redefinidos na atualidade.

⁸ Cf. SPOSITO, M. E. B. Multi(poly)centralité urbaine, p.259 – 286.

A centralidade se define hoje pela articulação dos espaços em redes, que vão se constituindo e, ao mesmo tempo, (re)definindo o que é e o que não é central. Tais redes são constituídas por fluxos materiais e, cada vez mais, imateriais, que tem seus pontos de união em lugares dotados de aparato técnico e tecnológico capazes de garantir a “sustentação” do emaranhado de fluxos que se estabelecem. Assim, muito mais que uma justaposição de redes, o que se tem hoje é a formação de uma intrincada trama de redes, formadas por múltiplos nós que, inclusive, se sobrepõem uns aos outros e integram vários níveis escalares, o que nos remete à necessidade de avançarmos no sentido de propormos metodologias que dêem conta de nos aproximar deste paradigma da Geografia.

O que se observa atualmente em Itu é um significativo processo de expansão das atividades econômicas por meio de eixos, não necessariamente contíguos ao centro tradicional e representando um desdobramento deste. Também não se trata apenas – embora isso também ocorra – de uma descentralização de atividades resultante da saturação da área central, mas também de espaços com conteúdos específicos e diversos aos do centro tradicional. Esse processo de reestruturação urbana acontece aí criando novas formas centrais e, ao mesmo tempo, refuncionalizando as velhas formas. É justamente essa busca por espaços exclusivos que nos faz pensar na existência de centros, ao invés de um único centro em Itu.

3.1 Atividades econômicas

Quantitativamente, o centro ainda apresenta uma importância significativa em atividades econômicas. A sua relevância como lugar de concentração de estabelecimentos e fluxos é evidente. O mesmo acontece com os Eixos G e C, contíguos a ele. Muito além de uma análise quantitativa, entretanto, esforçamo-nos para analisar os dados referentes às atividades econômicas de nossa área de estudo através de um prisma qualitativo. Nosso objetivo maior foi compreender os conteúdos existentes para além das formas extensas ou coesas que esses espaços apresentam, sejam eles densamente ocupados, ou nem tanto.

No centro, há uma predominância de atividades das divisões 52 e 55 da Classificação Nacional de Atividades Econômicas, as quais correspondem ao “comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos” e “alojamento e alimentação”. Esse padrão é ainda mais evidente quando analisamos os logradouros onde há maior concentração de estabelecimentos econômicos, como é o caso da Rua Floriano Peixoto. Outras atividades aparecem com importância bem menor no centro. Destacamos aqui o “comércio por atacado e intermediários do comércio”.

De modo geral, tem sido comum a saída dessas empresas dos Centros Tradicionais, que, por terem sofrido um processo de modernização nas últimas décadas, procuram instalar-se em pontos mais estratégicos do espaço, que lhes permitam maior mobilidade na distribuição de seus produtos. Esses pontos estão localizados ao logo dos eixos estruturais das cidades, que permitem o acesso às rodovias, ou nas próprias rodovias, que dão acesso a outros municípios.

A **Tabela 1**, a seguir, demonstra a distribuição das empresas de comércio atacadista na área abrangida por nosso recorte territorial.

Tabela 1: Distribuição das empresas de comércio atacadista (múltiplo)		
Setor	Quantidade	Percentual
Centro	44	47,8
Eixos	A	4
	B	1
	D	5
	F	1
	G	6
	H	9
	J	4
Rodovias ⁹	18	19,5
Total	92	99,8

Fonte: Secretaria de Rendas, Prefeitura Municipal de Itu/SP, 2007.

Org.: Andréia de Cássia da Silva Ajonas, 2008.

Podemos identificar que 52,1% das empresas – compreendidas em nosso universo de 92 estabelecimentos - que atuam no comércio atacadista estão localizadas atualmente fora de Centro Tradicional. E mesmo algumas dessas 44 empresas pertencentes ao centro localizam-se em sua periferia, em vias estruturais da cidade, como é o caso de sete delas que estão localizadas na Avenida Doutor Octaviano Pereira Mendes. Esse fato, como mencionamos, pressupõe uma significativa articulação de Itu em outras escalas.

Para compreender as alterações que se processam por meio da reestruturação, aliás, é necessário tomá-las como indutoras de diferenciações no interior do espaço urbano. Isso parece bastante evidente quando consideramos o centro. Nesse espaço, observamos a coexistência de áreas tomadas pelo comércio popular, áreas destinadas a atender a demanda dos turistas, áreas destinadas a consumidores de maior poder aquisitivo, com estabelecimentos de luxo e áreas de comércio e serviços especializados.

O estudo sobre a reestruturação urbana em Itu vai ao encontro de uma série de pesquisas recentes, que tem indicado uma mudança funcional das cidades, com seu espraiamento sendo acompanhado pela fragmentação e criação de espaços cada vez mais exclusivos, ou, como coloca Whitacker, com a criação de “cidades dentro da cidade”¹⁰. A essa afirmação complementaríamos com a da existência de centros dentro do Centro.

Na figura a seguir, **Figura 4**, destacamos algumas áreas, no interior do centro, sobre as quais debruçamos nossas análises, a fim de evidenciar os distintos conteúdos que elas encerram.

⁹ Incluímos nesse total as empresas da Rodovia Marechal Rondon.

¹⁰ WHITACKER, A. M. Reestruturação urbana e centralidade em São José do Rio Preto, p.233.



Figura 4: Área central.

Fonte: Trabalho de campo, 2008.

Org.: Andréia de Cássia da Silva Ajonas, 2008.

A Avenida Doutor Octaviano Pereira Mendes, que delimita a área central em sentido Noroeste – Sudeste, apresenta a constituição de seus estabelecimentos diversa da que observamos em outras vias deste setor. Seus 117 estabelecimentos correspondem a cerca de 10% do total do Centro. Ela se constitui em uma via especializada. O “comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas; e comércio a varejo de combustíveis” apresenta-se como sendo atividade exclusiva de 40% das empresas do eixo.

Outro espaço diferencial e que congrega grande quantidade das atividades econômicas é a Praça da Bandeira. Área de comércio popular da cidade, aí estão localizados 92 empreendimentos, os quais compõem 7,8% dos estabelecimentos econômicos da área central. Caracteriza-se pela diversidade de atividades existentes. O “comércio varejista não especializado”, diferentemente do que ocorre no entorno da Praça Padre Miguel – que compõe o Eixo Histórico -, busca satisfazer a demanda das camadas mais pobres da população, e não dos turistas. Os “restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação” também são significativos aí. São estabelecimentos modestos, que atendem aos passageiros que desembarcam no Terminal Rodoviário, ou que esperam nos pontos de circular que o circundam. Diferem dos existentes no Eixo Histórico do centro, voltados a atender uma população de alto poder aquisitivo.

Espinha dorsal do Centro Histórico, o Eixo Histórico é formado pelas Ruas Paula Souza e Barão de Itaim, cortando as Praças Padre Miguel e Da Independência. No início da colonização esse trecho em linha reta era percorrido por viajantes, que cortavam a mata a caminho de Porto Feliz, o que deveria ser realizado a pé a fim de alcançar o Rio Tietê.

Atualmente, ele está tomado pelo setor terciário, apresentado, porém, conteúdos específicos aos observados em outras partes da área central.

Trata-se de um espaço visitado e destinado aos turistas, que buscam se apropriar tanto do conteúdo histórico existente em sua paisagem, quanto da imagem que o lugar congrega, associada ao consumo das camadas mais ricas da população. Nessa percepção muito contribuiu o papel do marketing urbano, que buscou valorizar a cidade por meio de uma série de *slogans*. Entretanto, com uma aplicação muito mais restrita que o próprio Centro Histórico, as imagens criadas são diretamente associadas ao Eixo Histórico da cidade, pois é ele que congrega as construções nas quais foram incutidos tais conteúdos. Visando atender uma clientela específica, composta por indivíduos de alto poder aquisitivo, seus estabelecimentos, em sua maioria, apresentam um alto padrão.

Tal fato se deve às mudanças no conteúdo desse espaço, geradas pela necessidade de revalorização de uma estrutura tombada como patrimônio histórico e que, por isso, não pode ter suas formas readequadas às novas necessidades de mobilidade do capital flexível, gerando uma estrutura extremamente “rugosa”, que se expressa principalmente através da estreiteza de suas ruas e calçadas. Desse modo, a readequação se deu por meio de uma refuncionalização desse espaço e da mudança de seu conteúdo simbólico por meio da atuação do marketing urbano.

Se por um lado há a valorização de certas áreas da cidade, por outro, a complexidade do processo de reestruturação atua gerando também o abandono de outras. O Passeio Público – conhecido como “Becão” - é marcado por uma ausência de usos e sua imagem associa-se, não com a pobreza, mas com a criminalidade, refúgio dos batedores de carteira. Mesmo apresentado uma extensão de cinco quadras dentro do Centro Histórico, comporta atualmente apenas uma atividades econômica.

A partir da lógica de produção e localização das indústrias gerada com a Terceira Revolução Industrial e do incremento do consumo de mercadorias que ela estimula, com vistas a otimizar o ciclo de reprodução do capital, verifica-se uma série de investimentos em espaços destinados ao consumo. A localização desses novos equipamentos de comércio e de serviços também – mas não somente - responde às novas exigências de fluidez do capital e conduz a uma redefinição da morfologia urbana, com a criação de áreas descontínuas no interior da cidade. Assim, mesmo apresentando necessidades específicas, indústria e comércio procuram localizações estratégicas nesse novo período, a fim de ampliar suas possibilidades de atuação, abarcando um mercado consumidor incluído em um espaço cada vez mais amplo. Com a mudança na configuração espacial da cidade e com os novos conteúdos que a acompanha, urge repensar também os limites do que consideramos como seu(s) centro(s).

Em Itu, a expansão de atividades econômicas tem acontecido principalmente ao longo de eixos estruturais, que passam a redefinir os fluxos em diversas escalas. A configuração dispersa desses eixos encerra e esconde em si os novos conteúdos da centralidade, que buscamos apreender por meio das análises realizadas.

As mudanças na produção têm papel primordial na criação da lógica que promove a reestruturação dos espaços e a criação de novas centralidades. Seus estabelecimentos possuem um padrão de localização caracteristicamente mais disperso que o apresentado pelas atividades do setor terciário. Assim, consideramos que a análise das atividades desses estabelecimentos e de suas localizações seja um bom ponto de partida para entendermos os novos conteúdos que são impressos ao território no período do capitalismo flexível, bem como as especificidades desses eixos de expansão em seu papel no processo de reestruturação urbana.

Em conjunto, os eixos comportam 56,8% do total de estabelecimentos industriais e as Rodovias, 23,5%, enquanto o setor central participa com 19,6% desses estabelecimentos. Essa concentração maior nos Eixos e Rodovias reflete, por um lado, fatores estruturais, ligados à necessidade de mobilidade territorial na busca por lucros e, por outro, a atuação do poder público na criação de leis de zoneamento, que se baseiam no princípio da

monofuncionalidade das áreas. Nessas leis, as áreas industriais são geralmente criadas às margens da malha urbana. Ambos os motivos conduzem à reestruturação urbana, criando uma morfologia dispersa e espaços com características específicas.

Muito além das diferenças quantitativas, há também diferenças no que se refere aos tipos de atividades desenvolvidas nesses setores. Nota-se uma diversidade bem menor de ramos da atividade industrial no interior do centro. As indústrias que aí se mantêm são geralmente de pequeno porte e atuam em ramos de atividade que ainda encontram vantagens comparativas em se localizarem nessa área. É o caso daquelas que trabalham com “Edição, impressão e reprodução de gravações” e que dão suporte, por exemplo, aos escritórios aí localizados. Das empresas classificadas nessa divisão CNAE, 78,9% estão instaladas na área central.

Cabe destacar também a existência e localização de novos equipamentos de consumo, como uma unidade da rede de hipermercados Pão de Açúcar no Eixo G. Estabelecimentos desse tipo são indicativos da articulação do local com outras escalas. No exemplo em questão inclusive com a escala internacional, dado à origem do capital da empresa. Na Avenida Dr. Octaviano Pereira Mendes, limítrofe do centro, encontra-se outro estabelecimento desse porte: o hipermercado Carrefour. Já no Eixo C, estão localizados o Extra hipermercado e o Plaza shopping Itu¹¹.

Analisando essas empresas em conjunto é possível perceber seu grau de integração em redes geográficas e sua articulação com outros níveis escalares. Todas elas afirmaram – em pesquisa de campo (2008) - considerar adequada sua localização atual, enquanto no setor central 10,5% das empresas deram diferente resposta. Quanto à justificativa para tal satisfação, 34,5% das empresas do shopping e hipermercados fizeram referência ao movimento dos lugares, 21,8% ao acesso e 20% ao público alvo que os frequenta.

Tais percentuais evidenciam, por um lado, a importância desses estabelecimentos no processo de formação de novas centralidades, já que as justificativas relacionadas ao movimento são, inclusive, superiores às do centro, onde elas compõem em 32,5% das respostas. Por outro lado, percebemos também a natureza segregativa desses novos centros, nos quais a própria localização dos estabelecimentos, ao mesmo tempo em que visa ampliar a área de atuação dessas empresas; aumentando seu mercado consumidor por meio do acesso a importantes rodovias; faz isso de modo seletivo, pois pressupõe a dependência do automóvel para o consumo. Isso se confirma também na referência ao “público alvo” que pode se encontrado nesses lugares.

Há também outras diferenças entre esses estabelecimentos e os existentes no centro. Neles, 47,2% das empresas pertencem a alguma rede. No centro, apenas 14,7%. No que se refere ao capital da empresa, esses equipamentos concentram também maior percentual de franquias: 21,8%, contra 3,6% no centro. As empresas com mais de 8 filiais representam, aí, 21,8% dos estabelecimentos. No centro, 4,1%. Apenas 7,2% dos estabelecimentos do shopping e hipermercados não possuem computadores. No centro esse percentual é de 31,6%.

Como mencionamos anteriormente sobre a amplitude territorial de atuação dessas empresas, nesses grandes equipamentos de consumo 67,2% dos estabelecimentos afirmaram ter a maior parte de seus clientes em escala regional e 32,7%, na escala local. No centro apenas 25% das empresas fizeram a mesma afirmação quanto a uma clientela regional e 72,5% quanto a uma clientela local¹².

¹¹ Esta localização, aliás, explica a predominância da Rodovia Marechal Rondon, à leste da malha urbana, em quantidade de estabelecimentos, visto que, mesmo localizando-se no trecho denominado como Avenida Dr. Ermelindo Maffei, os estabelecimentos do shopping possuem seu cadastro na Prefeitura à mencionada rodovia.

¹² Fonte: Trabalho de campo, 2008.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O novo período de reestruturação urbana não está completamente definido, envolvendo uma série de possibilidades de transformações. Nele, toda organização da economia tem sido permeada pelo interesse de mobilidade do capital, a fim de facilitar a busca por superlucros. Para isso, há uma crescente importância do desenvolvimento tecnológico e dos meios de transporte, o aumento dos fluxos, apoiados em pontos estratégicos do espaço, dotados de infra-estrutura adequada e que, por isso, passam a redefinir as relações espaciais antes existentes.

No caso de Itu, pudemos notar alguns aspectos inerentes ao processo de reestruturação da cidade, os quais atuaram como causa e consequência de novas dinâmicas que se estabelecem e nos permitiram maior entendimento de sua estrutura e dos novos conteúdos das centralidades.

A morfologia urbana de Itu revela uma cidade extremamente dispersa, na qual ocorre uma especialização tanto funcional quanto socioeconômica dos espaços. No primeiro caso, verificamos uma concentração de determinadas atividades econômicas em alguns locais da cidade: áreas médicas, eixos industriais e especializados em atividades voltadas ao automóvel; além de outras diferenças mais sutis que também pudemos notar. No segundo caso, essa especialização socioeconômica responde à pergunta: Para quem são criados esses novos centros ou refuncionalizado parte do antigo? A cidade aparece como um mosaico. Nela a centralidade reflete uma clara separação das classes sociais no território.

À produção de novas centralidades associam-se novas formas de habitat. Arelado à fragmentação dos espaços de moradia, há uma cisão também dos espaços de consumo. Somem-se a isso as diferenças no próprio conteúdo das centralidades. No “centro dos ricos” o moderno é dominante e os fluxos imateriais são constantes. Seu dinamismo decorre de seu papel nas redes geográficas, principalmente macroescalares. Já o “centro dos pobres” é desconectado dos espaços globais, como pudemos notar por meio de uma análise preliminar dos dados coletados em nosso trabalho de campo.

BIBLIOGRAFIA:

BASTOS, M. A. T. R. A cidade de Itu: berço da república, um estudo de geografia urbana até a 1ª República (1930). 1997. 356p. Tese (doutorado em Geografia) – FFLCH/USP, São Paulo.

Empresas instaladas. Disponível em: <www.ituonline.com.br> acesso em janeiro de 2009.

GOTTDIENER, M. A produção social do espaço urbano. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997.

História de Itu. Disponível em: <www.mp.usp.br/mr/hist_itu.html> acesso em abril de 2008.

IANNI, O. Dagnóstico geral da cidade de Itu para a implantação de um programa de ação cultural: a formação social e cultural de Itu. São Paulo: Condephaat, 1977, vol.03 (mimeografado).

LEFÈBVRE, H. O direito à cidade. São Paulo: Documentos, 1969.

LENCIONI, S. Reestruturação urbano-industrial no Estado de São Paulo: a região da metrópole desconcentrada. In.:Espaço e debates, n°38, 1994, p.54-61.

SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 2002.

São Paulo (Estado). Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE). Informações Municipais. <www.seade.sp.gov.br> acesso em janeiro de 2009.

SOJA, E. W. Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SPOSITO, M. E. B. A urbanização da sociedade: reflexões para um debate sobre novas formas espaciais. In: O espaço no fim do século: a nova raridade. São Paulo: Contexto, 2001, págs. 83 – 99.

_____. Multi(poly)centralité urbaine. In: FISCHER, A., MALEZIEUX, J. (Orgs). Industrie et aménagement. Paris: L'Harttman, 1999, p. 259 -286.

TOSCANO, O. H. S.; TOSCANO, J. W. (org.). Diagnóstico geral da cidade de Itu para a implantação de um programa de ação cultural: análise urbana. São Paulo: Condephaat, 1977, vol. 01 (mimeografado).

WHITACKER, A. M. A produção do espaço urbano em Presidente Prudente: uma discussão sobre a centralidade urbana. 1997. 318 f. Dissertação (mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

_____. Reestruturação urbana e centralidade em São José do Rio Preto – SP. 2003. 238 f. Tese (doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.